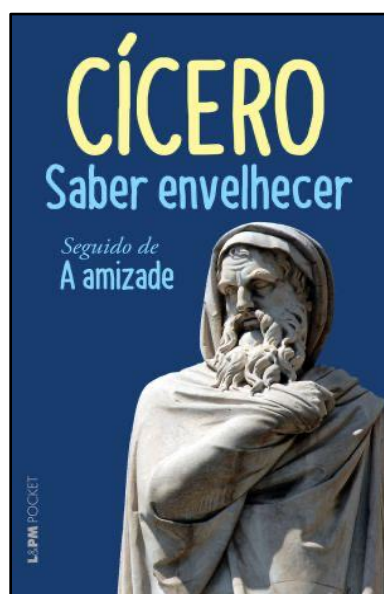


Resenha

Saber Envelhecer

Luis Justo



Marco Túlio Cícero (Arpino, nas cercanias de Roma, 106 a.C – Fórmias, 43 a.C) foi orador, político, filósofo e escritor. Um defensor da busca da virtude e crítico da corrupção, tanto em público quanto privadamente. A mais famosa entre as obras que nos chegaram é “As Catilinárias”. Teve considerável influência na formação do pensamento ocidental. Os temas que lhe foram caros e suas opiniões sobre eles atravessaram os séculos. “Saber Envelhecer” é uma combinação de discurso e ensaio filosófico.

O fio condutor do texto é uma reflexão sobre o envelhecimento. Sua prerrogativa é de que a velhice não deve ser encarada como o pior período da vida e sim como uma espécie de epílogo em que há muito o que se louvar e o que se fazer. Cícero dá menos importância às perdas da senescência do que ao aprendizado adquirido e àquilo que é realizável por quem é mais experiente.

Na leitura de “Saber Envelhecer” alguns acharão o autor otimista demais quanto às condições de vida dos mais velhos, outros enxergarão a prioridade que ele dá a valores perenes e à responsabilidade pelas próprias ações que cada indivíduo deve ter, atravessando todas as faixas etárias. Há diferentes ideias a serem destacadas.

A concepção de “desonra do poder” é um dos pontos relevantes em seu pensamento, universaliza-se. Para ele, uma vez ocupando uma posição de poder, especialmente no que diz respeito a cargos públicos que impactam a vida de tantos outros, não se pode tomar decisões injustas ou cometer erros graves em função das paixões que subjagam o espírito.

Exemplo é a volúpia, o desejo sexual descontrolado. Haveria o risco de se cometer leviandades e males graves para levar a cabo tentações desta esfera. Em essência, isto poderia ser estendido ao que concerne a variados apetites e interesses particulares por parte daqueles que detêm cargos de chefia e comando e que têm obrigações precedentes ao que é de conveniência pessoal.

Para Cícero, a velhice diminui o risco do cegamento acarretado por paixões, incluindo as de cunho sexual. Com este risco diminuído e somando-se o maior equilíbrio nas escolhas e na percepção do mundo, o idoso fica propenso a exercer mais apropriadamente as funções dos postos públicos e a ser mais sereno quanto ao seu futuro individual.

Ele propõe que há um bom exercício da volúpia e não necessariamente a abdicação a ela, algo equivalente à parcimônia e sobriedade. Lembra do útil balanço a ser feito entre o que se ganha e o que se perde: “Ao renunciarmos aos banquetes, às mesas que desabam sob os pratos e as taças inumeráveis, renunciamos ao mesmo tempo à embriaguez, à indigestão e à insônia.”

Com Cícero, para envelhecer bem é preciso estar atento às habilidades do corpo e do espírito, desenvolvendo-as através do que lhes for favorável, em todas as fases da vida. Nisto também importam os esforços para a contenção, que implicariam valorização e proteção das capacidades de cada um. Incluem-se aqui o comer e beber bem, fazer exercícios e saber repousar para recompor as forças, sem agir para arruiná-las com os excessos.

Fundamental apreciar e aplicar com adequação as competências próprias de cada estágio da vida, distinguindo-as, aceitando as transformações determinadas pelo tempo sem tomá-las como ruína inescapável. Se há perdas quanto aos atributos físicos, pode haver ganhos relativos ao intelecto, à sofisticação das ideias e temperança afetiva. Enxergar isto tudo parece uma conquista empreendida desde a juventude.

São ingênuas suas concepções sobre a deterioração da memória que pode acometer os mais velhos. Deve-se levar em conta que não havia conhecimento científico sobre este tipo de perda, como acontece nas demências. Também são hoje questionáveis, talvez frágeis, alguns dos valores que ele sustenta. É preciso ponderar a respeito de sua estreita relação com o contexto histórico em que

viveu Cícero e de seu lugar na sociedade. Ainda assim, há aquilo que não é perecível entre as ideias que ele propõe e no que observa sobre o humano.

Falando da morte, presumivelmente próxima (ele está com oitenta e quatro anos), o filósofo propõe que seja vista com serenidade. Revela crença na eternidade da alma e na doutrina que interpreta a morte do corpo como uma forma de libertação. É bastante permeável ao que tinham pregado Pitágoras e Platão, além de outros homens que julgava sábios e se pronunciaram sobre o assunto.

Todavia, ele não minimiza a importância da vida terrena em função da sobrevivência da alma e de seu destino futuro. Acha que ela deve ser vivida até o final natural, com o máximo proveito. Vale registrar o comentário do pensador dizendo que se estiver errado quanto à crença sobre a eternidade da alma, tal erro lhe é bem-vindo, pois mesmo sendo um engano, é doce.

Serviço

Título da Obra: Saber Envelhecer

Autor: Marco Túlio Cícero

Tradutor: Paulo Neves

Editora: L&PM

Luis Pereira Justo - Médico, Especialista em Psiquiatria Clínica para Adultos, Mestre em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente, Médico Psiquiatra do Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais do CRT-Aids da Secretaria da Saúde do Governo do Estado de São Paulo. Atua também em consultório privado. Seu blog: <https://estantedojusto.com/>